

A Bienal do Livro na Mídia – Mercado ou Cultura?¹

Elizabeth Moraes Gonçalves – Universidade Metodista de São Paulo - UMESP e Faculdade Editora Nacional – FAENAC (Docente pesquisador)

Adriana Barroso de Azevedo - Universidade Metodista de São Paulo - UMESP e Faculdade Editora Nacional – FAENAC (Docente pesquisador)²

Resumo

A pesquisa intitulada “A Bienal do Livro na Mídia – Mercado ou Cultura?” trata da cobertura do maior evento que envolve a produção editorial do país, pelos jornais O Estado de São Paulo e Folha de S. Paulo, com o objetivo de examinar o comportamento da mídia no que se refere aos comentários sobre o evento propriamente dito e sobre a produção editorial no país, verificando a linguagem utilizada. O recorte temporal da amostra é o período de realização do evento. O trabalho utilizou o método comparativo à luz da análise da linguagem e do discurso da comunicação. A análise crítica do Discurso possibilitou observar como se construiu a imagem do evento, diferentemente nos dois jornais: enquanto A Folha de S. Paulo foi superficial e deu ênfase ao contexto mercadológico, O Estado de São Paulo abordou de maneira diferenciada e mais apropriada, embora também superficial e acrítico.

Palavras-chave: Bienal do Livro; Mídia; Comunicação; Discurso.

Introdução

Mais que uma simples feira de livros, a 18ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, foi um local de debates e entretenimento, compondo uma extensa agenda de atrações. Uma das principais foi o Salão de Idéias, que promoveu encontros de escritores com o público, com a condução de um jornalista da área cultural. Outra atração foi o Café Paulicéia, encontros para a discussão de temas relacionados à história da cidade de São Paulo, em homenagem aos seus 450 anos.

¹ Trabalho apresentado ao NP 04 – Produção Editorial, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom

² **Elizabeth Moraes Gonçalves** – Licenciada em Letras pela Universidade Metodista de São Paulo. Mestre em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Docente e pesquisadora do Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo. Diretora do curso de Publicidade e Propaganda da Faculdade Editora Nacional – FAENAC/SP. bethmgoncalves@terra.com.br

Adriana Barroso de Azevedo – Pedagoga e mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso, Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Coordenadora e Professora do Curso de Pós Graduação Lato Sensu em Planejamento Estratégico de Comunicação, Diretora do curso de Produção Editorial da Faculdade Editora Nacional – FAENAC/SP. adriana.azevedo@metodista.br

O incentivo à leitura e à construção do conhecimento tem sido uma constante na sociedade atual e um desafio a ser enfrentado, principalmente pelas sociedades dos países do terceiro mundo. O sucesso da realização da bienal do livro é uma mostra da pertinência desta temática. A imprensa não pode abrir mão de sua função social de entender, explicar e interagir com o leitor, nestas questões que são fundamentais para o crescimento social. Neste sentido, ela é a pedra filosofal que pode assegurar às pessoas consciência de sua cidadania e participação nos destinos da nação.

Dentro deste paradigma faz-se relevante pesquisar a cobertura da mídia sobre este evento, buscando observar as temáticas selecionadas e o tratamento dado a essas matérias.

O recorte temporal da amostra é de 15 a 25 de Abril de 2004, período referente à realização do evento, quando normalmente a mídia anuncia o evento e faz um balanço do mesmo.

O *corpus* do trabalho foi constituído pelos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo, dois grandes jornais de São Paulo, local de realização do evento, de circulação nacional e também por serem representativos deste grande centro político, econômico, científico e tecnológico do país.

A pesquisa sobre a cobertura do evento que envolve a produção editorial do país, pela mídia massiva, mais especificamente pelos jornais Folha de S.Paulo e Estado de São é parte do projeto de pesquisa intitulado “Linguagem e discursos especializados na Comunicação”, do Programa de Pós-graduação em Comunicação social da UMESP.

O objetivo geral da pesquisa é examinar a cobertura feita pela mídia impressa, a partir do corpus selecionado, e dos temas que tiveram repercussão. Desta forma o trabalho conduz à reflexão sobre os critérios adotados pelos jornais na seleção das matérias a serem veiculadas e quanto ao grau de importância que esta mídia dá a este evento. Os Objetivos específicos são: mapear e observar o processo de seleção de temas divulgados pela mídia em relação ao evento; verificar como se deu a discussão sobre a produção editorial no país e sobre o próprio evento; detectar as diferenças de abordagem, linguagem e profundidade nos veículos que compõem o corpus; analisar as matérias quanto ao discurso elaborado ao abordar temáticas referentes à 18ª bienal do livro.

A pesquisa utilizou o método comparativo à luz da análise da linguagem e do discurso da comunicação. Depois do mapeamento inicial do corpus, partiu-se para a análise

comparativa entre as abordagens do tema estudado pelos veículos selecionados com a proposta de avaliar a linguagem utilizada, dependendo da linha editorial de cada veículo. A análise crítica do Discurso permitiu observar como se dá a construção do discurso, envolvendo os contextos da temática estudada e a imagem que cada jornal constrói sobre o evento.

As matérias jornalísticas foram inicialmente categorizadas como: informativo do evento –(matérias que informam sobre o local, espaço físico e programação); obras e autores estrangeiros; obras e autores nacionais. A escolha dessas categorias tem a intenção de mapear, de forma detalhada, os assuntos abordados por esses veículos durante a Bienal do livro, possibilitando melhor compreensão e conclusão.

Nas matérias informativas, vários elementos lingüísticos permitem-nos analisar o discurso jornalístico como dotado de intencionalidade, em que o “sujeito passa a ocupar uma posição privilegiada, e a linguagem passa a ser considerada o lugar da constituição da subjetividade” (BRANDÃO, 2002, p. 45). O discurso não é neutro, a língua não é o espelho da realidade, mas sim sua representação e há sempre uma intencionalidade. Entende-se, portanto, a linguagem como um fator de interação social.

Primeiramente considera-se a seleção das temáticas abordadas, ou seja, qual aspecto do evento é valorizado em cada um dos jornais. Assim, a análise considera a seleção lexical que compõe a matéria e, em especial as manchetes, destacando o uso da linguagem denotativa ou conotativa.

A análise da imagem que ilustra a matéria jornalística torna-se pertinente na medida em que sua disposição ou composição influencia na construção do sentido que se constrói.

Todo texto apresenta uma carga de significação implícita a ser recuperada pelo leitor por ocasião da atividade de produção do sentido. Desta forma, ler o texto não significa simplesmente apreender suas significações lexicais, seu conteúdo semântico, mas apreender suas intenções e suas informações subjacentes.

Um recurso a ser examinado na presente análise é o uso de verbos que, ao informar, relatam opiniões, são verbos introdutórios de opinião. Segundo MARCUSCHI (1991, p. 74-92), “a opinião é introduzida com algum verbo que antecipa o caráter geral da opinião

relatada”. Sendo assim, esses verbos atuam de forma seletiva sobre os conteúdos, imprimindo-lhes uma intencionalidade interpretativa com características ideológicas.

Os operadores argumentativos são marcas lingüísticas utilizadas no texto para marcar a direção de leitura. Sua análise cuidadosa pode desvelar o viés ideológico e identificar a formação discursiva onde os textos estão vinculados ou o ponto de vista valorizado pelo locutor ao encadear seu discurso.

Vale destacar que o enunciado vai além de uma simples frase, é um todo heterogêneo e complexo, um fenômeno histórico a ser observado e identificado. Portanto é fundamental analisar o contexto em que está inserido.

De acordo com MAINGUENEAU (2001, p. 53)

O discurso é ‘orientado’ não somente porque é concebido em função de uma perspectiva assumida pelo locutor, mas também porque se desenvolve no tempo, de maneira linear. O discurso se constrói, com efeito, em função de uma finalidade, devendo, supostamente, dirigir-se para algum lugar.

Já que não existe texto neutro, pois ele sofre interferências diversas do sujeito que o produz, sempre há interesses em torno de uma questão abordada. Segundo PÊCHEUX (1975), o discurso não surge no vazio, ele remete à formação discursiva que o originou e que é marcada por uma ideologia ali embutida. Na origem do processo discursivo, há uma formação discursiva permitindo as condições de sua existência.

No discurso jornalístico, podemos ainda notar que há condições sociais, culturais e cognitivas sobre as propriedades organizacionais das mensagens, ou seja, sabemos que há uma relação sistemática entre texto noticioso e contexto.

(...) a prática jornalística está determinada tanto pela ilusão referencial da linguagem quanto por seu próprio processo histórico de constituição, o que supõe/impõe que os jornais podem e devem ser objetivos e imparciais. Ou seja, o que é específico do discurso jornalístico, tal como estamos concebendo, é ser pouco crítico quanto aos efeitos inscritos no seu processo de produção/reprodução/transformação de realidades (MARIANI. 1998, p. 29).

Segundo VAN DIJK (1992, p.122-124) é plausível que as formas estruturais e os sentidos globais de um texto informativo ou noticioso não são arbitrarias, mas o resultado de hábitos sociais e profissionais de jornalistas em ambientes institucionais, de um lado, é uma condição importante para o processamento cognitivo eficaz de um texto informativo

ou noticioso, tanto por jornalistas como por leitores, de outro. Desta forma, este tipo de abordagem visa

Integrar, por meio da enunciação, uma abordagem interna do texto, indispensável para que se reconheçam os mecanismos e regras de engendramento do discurso, com a análise externa do contexto sócio-histórico, em que o texto se insere e de que, em última instância, cobra sentido. (BARROS, 2001, p. 5).

Essa foi a diretriz teórica para a pesquisa, que se consistiu na análise da linguagem dos jornais, da seleção do que se julga ser importante para veiculação, do tratamento dado ao recorte selecionado, assim como da caracterização feita pelo jornal da 18ª Bienal do livro.

O Contexto da Indústria Editorial

A velocidade com que o homem armazena o conhecimento vem aumentando de maneira vertiginosa, nos últimos tempos. O marco dessa velocidade foi a invenção da escrita, mas o quadro evolutivo permaneceu ao longo dos séculos.

O próximo grande salto evolutivo na causa do conhecimento foi a invenção do tipo móvel, no século XV, por Gutenberg e outros. Conforme TOFLER (1973, p.22) antes de 1500, a Europa, segundo os dados estatísticos mais otimistas, estava editando livros a um ritmo de 1.000 títulos por ano. Isto significa, aproximadamente, que se levaria todo um século para se conseguir a formação de uma biblioteca de 100.000 títulos. Por volta de 1950, quatro séculos e meio depois, o ritmo acelerou-se de uma maneira tão aguda que a Europa estava editando 120.000 títulos por ano. O que antes precisava de um século, agora levava apenas dez meses. Em 1960, uma única década mais tarde, o índice deu um salto novamente significativo, de modo que o trabalho de um século podia ser completado em sete meses e meio. E então, por volta do meado da década de 1960, a produção de livros numa escala mundial, incluindo-se a da Europa, aproximava-se da cifra extraordinária de 1.000 títulos por dia. A curva acelerativa na publicação de livros acha-se efetivamente sincronizada com o índice da descoberta de novos conhecimentos humanos.

Neste cenário evolutivo, o computador surgiu por volta de 1950, com poder sem precedentes de análise e disseminação de dados variados em quantidades inacreditáveis a

velocidades que assustavam a mente. Combinado com outros instrumentos de poder crescente analítico para a observação do universo invisível que nos cerca, o computador fez subir o ritmo da aquisição de informações a velocidades estarrecedoras.

Num tempo marcado pela incontrolável aceleração tecnológica a explosão digital introduz usos compartilhados e interatividade. O livro, nesse contexto, assume papel diferenciado podendo apresentar-se em diferentes formatos, não apenas o tradicionalmente impresso, porém, este formato resiste ao tempo e perpetua seu valor, mantendo seu espaço garantido na sociedade.

As revoluções no processo do conhecimento, desencadeadas a partir de Gutenberg, passaram a caracterizar a sociedade pelo dinamismo e aceleração tanto nos processos de produção quanto de consumo de bens e serviços. Para acompanhar esta evolução o conhecimento passa a significar poder e o acesso a esse conhecimento não se limita mais ao suporte impresso.

A era da revolução tecnológica criou novos meios de acesso ao saber marcados pela digitalização e compressão dos dados, de tal forma que o produtor editorial, profissão oriunda dos veículos impressos, hoje no compasso das transformações passou a ocupar um status diferenciado que exige busca constante de atualização para atuar nos diferentes segmentos da nova lógica do mercado.

Os jornais e revistas eletrônicos, os portais sites, as propagandas digitais, os áudio books, DVDs, Cd roms, as ciberrádios, as Tvs de alta definição, entre outros, associados aos tradicionais formatos impressos, compõem essa nova lógica.

A atividade editorial, portanto, constitui-se num dos mais importantes ferramentais do mercado comunicacional da atualidade, em especial a partir da evolução da mídia digital que tem determinado um novo formato para os produtos da indústria cultural.

Conforme DIZARD (1998, p. 233), a indústria editorial tem mostrado relutância em diversificar os produtos computadorizados devido a experiências mal sucedidas das publicações eletrônicas dos anos 80. O autor justifica o fracasso de tais empreendimentos à limitação da tecnologia da época, ao pouco esforço de marketing especializado e à falta de estudo do perfil do consumidor.

A importância da produção editorial no Brasil é especialmente ressaltada pelo sucesso da realização do maior evento da área: a 18ª Bienal Internacional do Livro de São

Paulo, no período de 15 a 25 de abril de 2004. Segundo os organizadores, em 11 dias, cerca de 550 mil pessoas passaram pelo Centro de Exposições Imigrantes, onde aconteceu o evento e 75% dos visitantes compraram livros. Os 320 expositores apresentaram 2.000 lançamentos e colocaram à disposição do público 1,3 milhão de exemplares.

Análise do material

A produção editorial ou a importância da leitura está longe de figurar como prioridade para a imprensa brasileira. Prova desta assertiva foi o resultado quantitativo obtido nesta pesquisa sobre a cobertura da 18ª bienal do livro, realizada em Abril deste ano, em São Paulo.

O jornal O Estado de São Paulo fez uma cobertura mais ampla que a Folha de S.Paulo, embora o primeiro tenha ficado 6 dias do período selecionado para a análise sem trazer uma só matéria, fato que aconteceu também na Folha de S.Paulo durante 4 dias.

Quanto ao número de matérias publicadas no período, o Estado de São Paulo mostrou uma valorização maior do evento, trazendo 19 matérias enquanto a Folha de S.Paulo, apenas 11. Vale, porém, destacar o grande valor atribuído à participação de autores estrangeiros no evento: das 19 matérias do Estadão, 7 fazem a cobertura de algum autor internacional, e da folha, das 11 matérias, 5 fazem estes destaques.

A organização do evento e sua programação é que realmente é entendida pela mídia como notícia, de tal maneira que é uma constante, em ambos jornais a presença de um quadro indicando as atrações e um mapa de localização e informações de transportes na região.

Os autores nacionais são valorizados pelo Estadão que traz um número de matérias muito maior que a Folha, falando sobre os lançamentos nacionais e seus autores. Eles são destaques em 10 matérias do Estadão e apenas em 2 da folha.

Primeiramente pode-se observar o destaque dado à participação estrangeira, como resultado de uma prática cultural historicamente constituída e que se reflete na cobertura jornalística de ambos jornais.

Neste contexto, a cobertura do evento deixou muito a desejar pois tanto autores nacionais, quanto a própria repercussão do evento tornam-se elementos não relevantes na cobertura jornalística.

Nos textos avaliados, ficou evidente a preocupação formal de cobrir o evento, sem apurar a importância dos fatos discutidos. Sem se discutir o que significa um evento dessa magnitude para a formação cultural de nossa sociedade, ou mesmo quais as possibilidades abertas ao cidadão a partir da constituição do hábito da leitura, tão essencial à prática cidadã.

O jornalista não saiu do seu papel convencional, limitando-se a relatar presenças de importância e programa do evento, sem se dedicar a questionamentos ou reflexões sobre esta realidade nacional que faz um evento de livros chamar a atenção de tantas pessoas.

O jornal, nesse sentido, pouco se diferencia do entretenimento eletrônico, relatando curiosidades e superficialidades, deixando de lado seu histórico papel reflexivo e provocador.

A Folha de S.Paulo caracteriza a 18ª Bienal do livro como “o maior evento editorial do país” e assume uma posição nada crítica em relação a este evento, a começar pela pequena cobertura que faz e pelas temáticas a que se propõe enfatizar. No dia da abertura, 15 de abril a ênfase é dada ao espaço físico ocupada pelas editoras que não são de grande porte e pela montagem de estandes, inclusive com grandes fotografias coloridas. O título da matéria “Gigantes no ringue” já nos remete à situação de luta entre as editoras e à visão de negócio que o evento da bienal representa. Neste contexto metafórico têm-se ainda as expressões: “menos badaladas”, “donas do pedaço” quando se refere às editoras menores; “rebanho” e “milagres” quando trata das editoras cristãs.

Na mesma matéria a Imprensa Oficial do Estado de São Paulo é denominada “grande latifúndio” que “abocanhou” 932 metros quadrados. Ao se referir às autoridades presentes no evento de abertura o jornalista fala do “inédito trio, Lula, Geraldo Alckmin e Marta Suplicy”, que não são destaque pelas suas produções culturais, mas a presença na Bienal é notícia e o jornalista trata com ironia ao intitular o trio de “inédito”.

A matéria dedicada à 18ª bienal do livro pelo jornal O Estado de São Paulo apresenta um recorte diferente do assumido pela Folha de S.Paulo. Apesar de ser superficial, a matéria é mais referencial, traz informações sobre o evento e sobre sua

história e enfatiza a proposta da bienal de “mudar o cenário”. A matéria intitulada “Bienal do Livro abre sua maratona da leitura”, fazendo referência às palestras, encontros, debates, autógrafos e lançamentos, e ainda ilustrada com fotos de quatro autores nacionais (Ferréz, Tatiana Belinky, Adélia Prado e Lygia Bojunga) que participam do evento de diferentes maneiras, denota a preocupação do jornal em prestigiar a Bienal pelo seu conteúdo.

No dia 17 de abril, a mesma página que traz a matéria sobre o lançamento no Brasil do *best seller* do psicanalista francês, David Servan-Schreiber, mostra também quatro lançamentos nacionais: Loyola, Murício de Sousa com Paulo Coelho, Olivetto e Lya Luft.

No dia 17 de abril, no suplemento infantil, Estadinho, a bienal do livro ocupa espaço privilegiado, apresentando primeiramente, Maurício de Sousa, já conhecido do público infantil, agora com a inédita parceria com Paulo Coelho, depois mostrando um grande número de obras, desde os clássicos Contos de Andersen até livros de receitas para “brincar de mestre-cuca”. A bienal é o evento, “parque de diversões”, que deve “dar a vida a tantos lançamentos”. Destaca-se nesta Bienal a opção feita pela Indústria Editorial para produções dirigidas ao público infantil numa clara demonstração da percepção mercadológica deste segmento uma vez que se pretende investir em futuros leitores que tragam lucratividade para esta indústria por longo período. Outra perspectiva aberta por esta opção do mercado editorial são as mudanças sociais decorrentes de um povo mais letrado, mais informado, consequência de um consumo maior de livros durante toda a vida. Porém, essa perspectiva não foi sequer mencionada pela mídia analisada, denotando uma visão simplista, descompromissada e acrítica.

Lygia Fagundes Telles é o único grande nome da literatura nacional que tem espaço na Folha de S. Paulo, na cobertura da 18ª Bienal do Livro. Numa reportagem totalmente metafórica, o jornalista fala sobre os “nocautes literários” da autora e desenvolve toda sua matéria com expressões que lembram o boxe: “protetor bucal”, “besuntar o rosto”, “distrair golpes adversários”, “round”, “toca a sineta” entre outros. A própria diagramação da matéria já nos remete a uma poeticidade diferenciada: o título é cortado pela inserção da foto da autora. Nesta foto há um destaque para um cãozinho de pelúcia chamado Palocci. Ainda que o nome tenha sido atribuído ao cão pela escritora, o fato de a reportagem o destacar parece indicar uma certa intencionalidade do produtor da matéria, caso contrário, nada justificaria esta foto. Portanto, mais uma vez o jornalista destaca o eventual fazendo

analogias grosseiras e descontextualizadas, desmerecendo o grande valor da escritora na formação dos leitores brasileiros.

A mesma escritora também recebe um espaço privilegiado no jornal O Estado de São Paulo (20% menor que o da Folha), porém o tratamento é mais referencial, sendo tratada inicialmente como uma pessoa comum que visita a Bienal: “a escritora passeou tranqüilamente pela Bienal... durante duas tardes, ao longo da semana, acompanhando o lançamento de obras de amigos, checando as novidades...”. Além do lançamento do seu livro o jornal destaca outras participações da escritora que valorizam o evento: “Lygia não pretendia participar de nenhum debate na bienal ...mas o tema a empolgou de tal forma...”. Este destaque de sua participação no debate sobre os rumos da ficção brasileira no século 21 somado a declarações do tipo “A Bienal é sempre um bom motivo para encontrar os amigos” leva-nos, mais uma vez a entender a valorização do evento. Esta matéria foi ilustrada por uma fotografia da escritora, porém mais referencial que a colocada no outro jornal. Tal abordagem nos remete a uma valoração mais positiva que o outro jornal, embora ainda permaneça o tom casual e acrítico da cobertura.

O mesmo estilo metafórico se conserva na matéria da Folha de S. Paulo que divulga a obra de Gay Talese. O jornalista caracteriza o autor como “Picasso da reportagem”: “Gay Talese fazendo reportagens é Picasso com suas tintas, Ferrari de tanque cheio – só que melhor”. Trata-se de uma obra, que segundo a folha “desafia a não ficção”. Seguem as infelizes analogias denotando a concepção do jornalista de que se o assunto é livro nada melhor que metáforas para caracteriza-lo.

Um tom de crítica aparece quando, no dia 19 de Abril, A folha dedica uma matéria sobre a bienal, destacando os lançamentos infantis: “Sem critério, editoras repetem fórmulas”. O autor diz que os lançamentos infantis têm “enredos previsíveis” e aqueles que fogem desta regra são “publicações sem impacto”. E ainda, é um segmento que “certamente liderará vendas, mas sem a consistência desejável”.

Os operadores argumentativos são fortemente utilizados para a condução de uma leitura, conforme o ponto de vista da redação: “o cenário atual ainda não está quantificado, mas deve mudar pouco nesta 18ª bienal Internacional do Livro de São Paulo... mas um mar dessas letras poderia ficar fora da estante”. O autor diz que o mercado editorial para o

público infantil produz “incansavelmente”, “mas quase às cegas, imitando modismos internacionais”.

O jornalista avalia a publicação para o público infantil apenas na perspectiva mercadológica, ou seja, se livro é produto e se a Bienal é feira, há que se produzir novidades (como as feiras tecnológicas) e há que se obter lucro. Desta forma, seu comentário não contempla a influência que a tradicional literatura infantil tem na constituição do imaginário infantil, desconsidera-se o papel das fábulas, dos contos de fada, intitulando-as de “publicação sem impacto”.

Matéria dedicada aos HQs, destaca a “enxurrada” de publicações do gênero em um espaço antes dedicado ao “mundo do livro”.

Ao se referir às edições de bolso, a Folha de S.Paulo elabora uma matéria destacando a editora L&PM e seus lançamentos neste formato editorial, porém a construção da manchete “Editoras empurram livros para o bolso do brasileiro” pode suscitar a leitura de um posicionamento crítico, pois, segundo a matéria “a bienal de São Paulo está testemunhando a sobrevivência de um segmento editorial que historicamente não ‘pegou’ no país”.

Ao divulgar o livro “Glória in Excelsior” de Álvaro Moya, a matéria da Folha de S.Paulo dá mais destaques às telenovelas do que à obra propriamente dita. A manchete “Diretor recorda a ‘mãe das novelas’” não diz explicitamente nada sobre o autor ou à obra. Mais uma vez verifica-se a ênfase ao casual, ao não essencial em detrimento do assunto principal que é a própria obra. O caráter de entretenimento das telenovelas se sobrepõe ao livro e ao autor, imprimindo, mais uma vez o caráter da mídia de entretenimento eletrônico no jornalismo impresso.

O Estado de São Paulo reforça a imagem que constrói do evento como negócio na matéria “Um dia na bienal do livro, do lazer aos negócios”, assumindo uma postura positiva, destacando um “público entusiasta”, com fotos de professores, alunos, pais e filhos, revelando que “é consensual a idéia de que o primeiro dia de um evento deste tipo é dedicado aos negócios...”.

A matéria dedicada ao lançamento do livro do sociólogo francês, Maffesoli, traz um título surpreendente: “Maffesoli chega para defender a ‘parte do diabo’”. O texto trata do conteúdo do livro e das polêmicas que caracterizam o autor e o evento da Bienal aparece

apenas como palco para o lançamento das obras, fato que se repete sempre que um nome internacional é citado como participante do evento: o jornal apresenta uma foto do escritor ou escritora e fala do conteúdo de sua obra. Na mesma página que apresenta Maffesoli o jornal destaca um encontro entre escritores portugueses e brasileiros discutindo que a “distância ainda é grande entre as duas literaturas, mesmo com enfoques semelhantes”. Um espaço na mesma página é destinado a uma matéria sobre a escritora Lya Luft e seu encontro o público jovem, o que o jornalista a comparar a escritora com uma “pop star”. Desta forma, verificamos que O Estado de São Paulo, nesse momento, faz uma cobertura do evento da Bienal do Livro, abordando-a não apenas como feira de livros ou negócios, mas um centro de eventos de cultura. Na frase “fãs vão até a feira para ouvir, mas também apenas para conhecer a escritora”, os operadores argumentativos “mas” e “também” nos dirigem para a valorização do evento da bienal como centro de discussões e busca de conhecimentos mais amplos.

A presença de escritores internacionais, sem dúvida, leva a imprensa a dedicar um espaço especial, é o caso do Estado de São Paulo, no dia 21 de abril que apresenta três pequenas matérias, de um escritor italiano, um irlandês e um norte-americano com suas respectivas obras, lançadas na Bienal.

No que se refere ao escritor norte-americano, Mc Donell, autor de “Doze”, verificamos que enquanto no jornal Estado de São Paulo o espaço destinado a divulgação aos comentários sobre sua obra e sua participação no evento da Bienal não passa de quadro de 13 X 19 centímetros, na Folha de São Paulo a ênfase a sua presença no evento é bem maior, ocupando meia página do jornal, inclusive com entrevista.

No dia 21 de Abril O Estado de São Paulo dedica a página do meio do seu caderno 2 para expor a expectativa de público que o evento deveria receber, porém, mais uma vez pode-se notar a preocupação com o conteúdo. A manchete “Feriado na companhia dos livros” já traz explícita esta atenção ao leitor e a abordagem da Bienal não apenas como comércio de livros ou disputa entre as editoras. Confirma-se esta postura com o sub-título: “uma série de atividades para o público e debates com escritores marcam a programação de hoje da Bienal”.

No dia 22 de abril, ao lado de dois nomes internacionais, O Estado de São Paulo apresentou, novamente, um enfoque diferenciado. A matéria que tem como título “A

emoção do primeiro livro editado” aborda alguns lançamentos de autores desconhecidos que se sentem valorizados por terem seus textos publicados e suas obras presentes na bienal, ou seja, este evento tem também um caráter social importante ainda que o lucro, nestes casos, não se possa considerar como importante.

Conclusão

Percebemos neste estudo que o livro não é assunto abordado de forma relevante para os grandes jornais, apesar de seus reflexos imediatos na cultura e na educação e, conseqüentemente na qualidade de vida da população.

Com base nos resultados apresentados, temos a clareza de que a mídia abriu mão de sua responsabilidade social de contextualizar a informação para formar uma opinião pública crítica e cidadã abordando um assunto tão relevante de maneira tão superficial e factual.

O papel de prestador de serviços no que se refere às informações sobre evento, agenda de programação, localização e transportes foi uma constante nos dois jornais, ou seja, a imprensa incumbiu-se da tarefa de informar o factual, como uma revista eletrônica, porém a reflexão sobre as temáticas ali discutidas ou a repercussão dos conteúdos veiculados pelas obras ou tratados nos debates e nos vários eventos paralelos à feira de livros não se revelaram como importantes ou relevantes para merecerem destaque nos jornais analisados.

No período de cobertura analisado não se observou um aprofundamento da informação, ou seja, nenhum dos dois jornais dedicou sequer um editorial ou um artigo que refletisse sobre a importância do evento. O material publicado restringiu-se a pequenas notas, notícias factuais e reportagens.

Cabe ressaltar que o Jornal O Estado de São Paulo, embora pudesse ser mais crítico e valorativo em suas abordagens, distingue-se da Folha de S.Paulo. Enquanto este último construiu uma imagem do evento puramente mercadológica, marcada pelo uso de infelizes analogias, O Estado de São Paulo procurou em algumas matérias ultrapassar os limites da lógica mercado/lucro oferecendo ao leitor a possibilidade de ver o evento também como um ambiente de cultura.

No que se refere ao papel da mídia impressa brasileira, representada nesta pesquisa pelo *corpus* analisado, esperava-se uma atuação mais crítica e provocadora, uma vez que a informação, material com o qual a Bienal do Livro trabalha, tem um papel primordial de poder e de transformação social.

Referências Bibliográficas

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teorias do Discurso: fundamentos semióticos*. 3ª Ed., São Paulo : Humanitas/FFLCH/USP, 2001.
- BRANDÃO, Helena H. Megamine. *Introdução a Análise de Discurso*. Campinas: Editora Unicamp, 2002.
- DIZARD, Wilson P. *A nova mídia: a comunicação de massa na era da informação*. 2ª Ed. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1998.
- MAINGUENEAU, Dominique . *Análise de textos de comunicação*. São Paulo : Cortez, 2001.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *A ação dos verbos introdutórios de opinião*. In: INTERCOM – Revista Brasileira de Comunicação, ano XIV, nº 64, São Paulo, Janeiro/Junho de 1991, p.74-92
- MARIANI, Bethânia Sampaio Correa. Narrativas e rituais enunciativos na imprensa: a “intentona “ de 35. IN: RUBIM, Antonio Albino Canelas; BENTZ, Ione Maria Ghislene; PINTO, Milton José (orgs). *Produção e Recepção dos sentidos midiáticos*. 2ª Ed., Petrópolis, RJ : Vozes, 1998.
- PÊCHEUX, Michel. *Análise do Discurso*. Paris: Larousse, 1975.
- TOFFLER, Alvin. *O choque do futuro*. 5ª ed., Rio de Janeiro : Artenova, 1973.
- VAN DIJK, Teun A. *Congnição, discurso e Interação*. São Paulo: Editora Contexto, 1992.